

MARCELA MARQUES MAZZA

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: NÓS,
PROFESSORAS E PROFESSORES, SOMOS CAPAZES DE APRENDER
ENQUANTO ENSINAMOS?

RIO DE JANEIRO
2005

MARCELA MARQUES MAZZA

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: NÓS,
PREFESSORAS E PROFESSORES, SOMOS CAPAZES DE APRENDER
ENQUANTO ENSINAMOS?

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientadora: Profª Drª Carmen Sanches
Sampaio.

RIO DE JANEIRO
2005

Dedico este trabalho monográfico aos meus alunos, os do passado e os do presente, pois com eles aprendi que ser professora é muito mais do que ensinar. Ser professora é garantir que conhecimentos e experiências possam ser (com)partilhados.

AGRADECIMENTOS

Á Deus, por minha vida.

Á minha família, por todo apoio desde meu nascimento.

Aos meus amigos, por acreditarem em mim, até mais do que eu mesma.

Á minha orientadora, Carmen Sanches Sampaio, pelas críticas e incentivos para || que eu superasse minhas limitações.

A escola

Escola é...

O lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quartos, programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, estuda, que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de "ilha cercada de gente por todos os lados".

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se "amarrar nela"!

Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

Paulo Freire

RESUMO

Será que nós, professores e professoras, estamos preparados para lidar com o que acontece no cotidiano de sala de aula? E como nos preparamos? Essas dúvidas estiveram presentes como eixo principal de discussão deste texto monográfico que discutirá, através de situações práticas acontecidas no meu dia-a-dia como professora iniciante em uma escola municipal, questões que estão envolvidas no processo de alfabetização. Utilizei como interlocutores, para subsidiar minhas reflexões, os referenciais teóricos dos seguintes autores: Emília Ferreiro, Paulo Freire, Regina Leite Garcia, Maria Laura Sabinson, Maria Teresa Esteban, Ana Luiza Bustamante Smolka e outros, além das contribuições adquiridas após a leitura dos Referenciais Curriculares Nacionais. Este texto tem como objetivo principal discutir minhas concepções sobre a ação docente, sobre a leitura e a escrita e o papel da alfabetização na prática da cidadania. Por fim, discuto, brevemente, a importância de uma formação de professores (as) que invista na capacidade reflexiva, pesquisadora dos docentes, promovendo, ainda, a formação de professores que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional.

Palavras-chaves: alfabetização; formação de professores e cidadania.

SUMÁRIO

I- Apresentação.....	07
II - Buscando no passado a tentativa de construir um futuro.....	11
II.I - Aprendendo uma nova forma de exercer o magistério.....	17
II.II - Alunos e professores: aprendizes no processo de alfabetização.....	22
III - Alfabetização: mais do que decodificação, um exercício de cidadania.....	36
IV - Considerações Finais.....	44
Referências bibliográficas.....	47

I - APRESENTAÇÃO

Iniciei meu trabalho como professora no ano de 2002, em uma escola municipal de Duque de Caxias. No processo de escolhas de turmas havia três classes de alfabetização, uma de 3ª e outra de 4ª série. Optei pela regência da 3ª série. Não sei ao certo os critérios que me levaram a esta escolha. Sei entretanto que, não queria trabalhar com turma de alfabetização, pois acreditava, assim como Regina Leite Garcia, que :

A professora no exercício da prática docente é portadora de uma teoria adquirida em seu curso de formação inicial, teoria atualizada a cada dia, em sua relação com as crianças na sala de aula e com suas colegas professoras nas reuniões pedagógicas, nas experiências que vive dentro e fora da escola, nas leituras que faz, nos cursos de que participa, nas reflexões que produz. A cada sucesso ou fracasso, ela se faz perguntas, para as quais busca ou constrói respostas explicativas sobre o sucesso ou fracasso. (GARCIA, 1998:21)

E, como não possuía experiência, senti-me insegura com tamanha responsabilidade, pois sabia que ainda não possuía sensibilidade e conhecimentos exigidos à uma professora alfabetizadora.

No mês de março, assumi a turma de 3ª série e, surpresa: os alunos eram || considerados alfabetizados pela escola, mas, para mim, apenas decodificavam as letras. Não interpretavam o que liam. Minha revolta era grande. Não entendia como a professora aprovou alunos que não sabiam ler! O questionamento estava presente: que ciclos são estes que não reprovam porque respeitam o desenvolvimento do aluno, mas terminam reproduzindo um ensino que se afasta da qualidade desejada? Pensava, eu, naquele momento.

Fui convidada, então, a realizar um curso onde pude conhecer uma outra maneira de exercer a docência e me aproximar de concepções teóricas que me possibilitaram compreender o processo ensino/aprendizagem de uma forma diferente e que tem me ajudado a alterar a rotina da escola onde trabalho.

Atualmente, vejo professores e professoras mais felizes, comprometidos (as), estudando e pesquisando sobre seu fazer pedagógico realizado no dia-a-dia da sala de aula.

Neste sentido, minha intenção, com o presente trabalho, é articular prática e teoria, tendo como referência minha própria prática alfabetizadora, tornando meu fazer docente objeto desta reflexão, de modo que eu possa, cada vez mais, investir na pesquisa como eixo da ação pedagógica.

Não procuro, com este trabalho, respostas acabadas, mas sim fundamentação ||
teórica e prática abrindo possibilidade para que o processo alfabetizador⁶ possa ser ||
prazeroso e comprometido com o aprendizado dos alunos e alunas das classes
populares. Acredito no que ^{aponta, afirma} nos fala Regina L. Garcia quando nos fala que: ||

(...)na sala de aula há uma teoria em constante movimento. Aquela professora traz um plano de aula, o menino interfere trazendo uma novidade, ela modifica o seu plano e avança para a melhor compreensão do que ali está acontecendo. E uma professora-pesquisadora de sua própria prática e que transforma cada novo acontecimento em situação de pesquisa/aprendizagem para seus alunos. Ao fazê-lo, atualiza a teoria explicativa de que dispõe, buscando/criando novas explicações teóricas para o que acontece no cotidiano de sua sala de aula. (Ibidem;109).

Penso que os princípios e fundamentos que podem nortear a prática alfabetizadora precisam ser discutidos e estudados, coletivamente, pelos professores e professoras. A escola precisa garantir espaços de discussão de modo que os docentes possam refletir sobre o próprio fazer cotidiano no espaço-tempo escolar.

Tive como interlocutores privilegiados, neste trabalho monográfico, os seguintes estudiosos: Ana L. B. Smolka, Emília Ferreiro, Maria Tereza Esteban, Paulo Freire e Regina Leite Garcia. Autores que, no decorrer de minha formação, ajudaram-me a entender a importância de me tornar uma professora pesquisadora, modificando,

assim, minhas atitudes e minhas concepções sobre os conhecimentos que os alunos elaboram sobre a língua escrita.

Passei a compreender, também, através da leitura de algumas obras destes autores, que precisamos respeitar nossos alunos e seus conhecimentos, pois o aprendizado é algo que ultrapassa os limites da escola, mesmo sem a permissão da escola e antes de ingressar neste espaço a criança elabora suas hipóteses, que precisam ser ouvidas pela professora, respeitadas e legitimadas para que o aluno possa ampliar seus saberes.

Na primeira parte deste texto, discuto teoricamente como aprendi a compreender o que é ensinar, durante minha formação inicial de professora, a partir de questões e situações que fizeram parte do meu cotidiano como professora de uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental. Como aconteceram meus primeiros meses como professora, minhas dúvidas, meus anseios... e a forma como consegui solucionar algumas das questões presentes nesse início de minha experiência como docente.

Na segunda parte discuto, especificamente, os saberes sobre a língua escrita elaborados por duas crianças de uma terceira série e a forma como entendia aqueles saberes que, para mim, eram "não saberes".

Articulo meus conhecimentos, neste momento, com o que fui construindo e me apropriando através dos cursos aos quais tive acesso e através da minha prática cotidiana em sala de aula.

Na terceira parte, reflito sobre a relação entre alfabetização e a prática da cidadania através de uma situação ocorrida com alunos de uma turma do 2º ano do ciclo, antiga 1ª série do Ensino Fundamental.

*de onde?
Qual o
grupo
investigado?*

E, nas considerações finais, procuro discutir a importância de uma formação de professores que busque formar profissionais reflexivos e pesquisadores que comprometam-se, cada vez mais, com um fazer pedagógico a favor dos alunos e alunas das classes populares, os que, historicamente, no nosso país não concluem o Ensino Fundamental.

II - BUSCANDO NO PASSADO A TENTATIVA DE CONSTRUIR O FUTURO

Em 2000 formei-me professora, através do curso normal oferecido pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ).

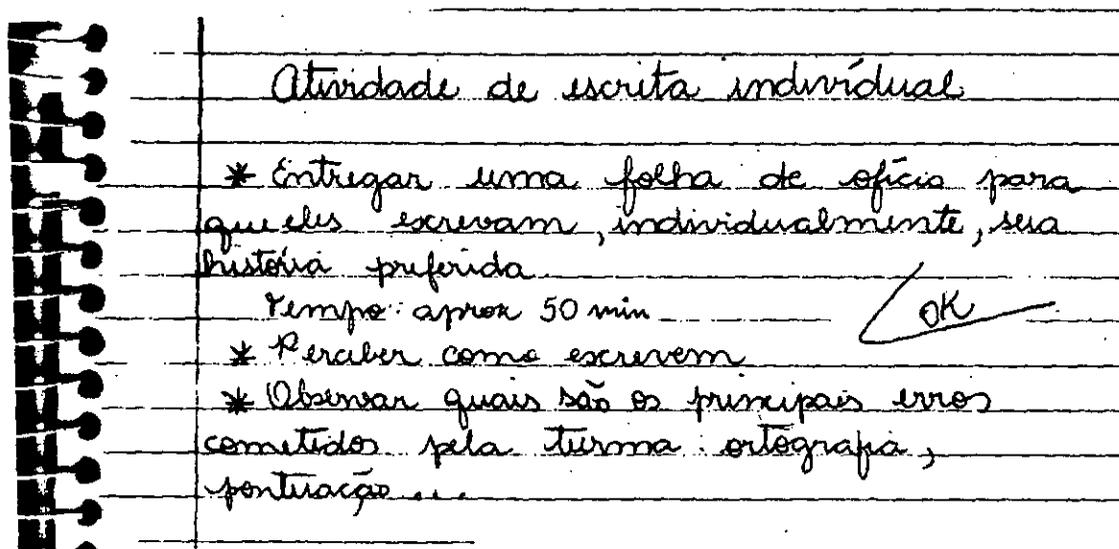
No ano posterior a minha formatura participei de diferentes concursos para o magistério do ensino público fundamental. No ano de 2002, fui convocada a lecionar no município de Duque de Caxias e, após os trâmites legais, chego à Escola Municipal Paulo Rodrigues Pereira, localizada em Imbariê, bairro integrante do 3º distrito deste município.

Fui recebida pelo diretor da escola que colocou à minha disposição, conforme já explicitado, três turmas: uma 3ª série, uma do 1º ano do ciclo e uma do 2º ano do ciclo¹.

Minha história de professora alfabetizadora começa com uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental. Turma considerada alfabetizada pela escola, mas, na verdade, a maioria da turma somente decodificava a escrita, ou seja, “lia” mecanicamente, reproduzindo letras e sílabas memorizadas.

Já no primeiro dia de aula meu desespero foi total. Como primeira atividade propus que os alunos produzissem, individualmente, uma história, conforme podemos observar no meu planejamento para este dia:

¹ A partir dos anos 80, começou-se a pensar sobre o fato de que as oportunidades de participação em práticas sociais de leitura e escrita contribuem decisivamente para o repertório de conhecimentos lingüísticos das crianças, o que, de forma indireta, determina o tempo necessário à alfabetização. Isso acabou por sugerir a defesa de um tempo de aprendizagem escolar adequado às reais condições das crianças e por legitimar uma tendência colocada em prática em vários países: a organização da escolaridade em ciclos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 oferece uma série de aberturas para que os sistemas de ensino adotem medidas que considerem mais adequadas, desde que assegurem a duração mínima do Ensino Fundamental de 8 anos e uma formação básica do cidadão, onde segundo o parágrafo 1º: será facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos; no caso mencionado, o município de Duque de Caxias faz as seguintes denominações: 1º ano do ciclo: antigo CA, 2º do ciclo: antiga 1ª série e 3º ano do ciclo: 2ª série (DOCUMENTO DE APRESENTAÇÃO DO PROFA, 2000:10).



Ao receber as atividades produzidas pelas crianças fui classificando-as e separando-as em grupos: as não alfabetizadas; as que não sabiam pontuar um texto; as que não sabiam dar espaçamento entre as palavras; as com dificuldades ortográficas... para mim, aquelas produções não possuíam sentido. E eu, que tanto fugi das classes de alfabetização, teria que alfabetizar na terceira série? Nesta série, as crianças não deveriam ler e produzir textos com "autonomia"? Eu me indagava todo o tempo.

Não percebia a riqueza dos textos produzidos pelas crianças, o quanto eles se esforçaram diante daquela atividade. Só percebia "erros". O que já haviam construído de conhecimentos eram completamente desconsiderados em minhas avaliações.

Trago agora, uma produção realizada naquele dia, para ser brevemente discutida e para elucidar a série de equívocos pedagógicos cometidos desde o primeiro contato com aqueles alunos e alunas.

A FORMIGA E A CIGARRA
 ERA UMA VEZ A FORMIGA E A CIGARRA
 TODOS OS DIAS A FORMIGA EM CONTRA VA
 UMA LINDA CIGARRA CENTADA EM UM LIV
 DO BOSQUE UM DIA A FORMIGA RESOLVEU
 PARA PARA E COM VERSA COM A CIGARRA
 E A CIGARRA FALOU TODOS OS DIAS EU VEIJO
 VOCE PASARA QUI VOCE NAO SE CANSA
 CANSA EU ATE GANSO MAS ESTE O MEU
 ALIMENTO E DE VAGA A CIGARRA COMESOU
 CAN T E O CRINMA COMESOU MUDA
 SE PASOU DA EN OUTRO DIA A FORMIGA
 OUVIUM BARULHO TOQUE TOQUE
 QU A NAO ERA SURPRESA A SIGA
 E A CIGARRA FALOU ESTO FOMINTO
 E O QUE QUE VOCE FEZ QUANTO
 EU TRABALHAVI FIQUEI CAN TANO
 E A FORMIGA SEM BO ESPUSOU
 ACIGARRA



Ao refletirmos sobre este escrito percebemos que o aluno Erick reescreveu uma história muito conhecida: a fábula da "Cigarra e a Formiga". Escreveu toda a história com uma riqueza de detalhes impressionantes. Seu texto possui sentido e coerência apesar de possuir, ainda, não saberes próprios de aprendizes de escrita, como: falta de espaçamento entre as palavras; a falta de parágrafos; questões relativas à pontuação; o ocultamento e aglutinação de algumas palavras, pelo fato da sua escrita, ainda, ser a reprodução de sua fala.

Como na época não percebia que o mais importante não era evidenciar os erros para classificar as crianças, mas sim, perceber os conhecimentos que já possuíam e pensar sobre os que, ainda, não possuíam, para que eu pudesse refletir sobre atividades que pudessem garantir a ampliação de seus conhecimentos, resolvi

que produções espontâneas não seriam mais propostas, com a intenção de evitar o "erro".

Desconsiderei que:

(...) os textos das crianças, desde as primeiras tentativas, constituem (e geram outros) momentos de interlocução. É nesse espaço que se trabalham a leitura e a escrita como formas de linguagem. A alfabetização se processa nesse movimento discursivo (...) (SMOLKA,2003:69).

Propus, então, uma atividade de interpretação de texto:

Escola M. Paulo Rodrigues Pereira
 Aluno: *Antônio Silva*

Leia e responda as perguntas

Vendo livros. O pai da vítima

Aconteceu um acidente de carro em uma cidadezinha. Uma multidão rodeou a vítima e um repórter não conseguia chegar perto o bastante para vê-la.
 Teve uma idéia.
 - Sou o pai da vítima! - exclamou. - Por favor, deixem-me passar.
 A multidão deixou-o passar e ele chegou bem perto da cena do acidente e descobriu, embaraçado, que a vítima era um jumento.



1. Qual o título do texto?
 aconteceu um acidente de carro
 em uma cidadezinha

2. Quem é o autor?
 Uma multidão rodeava
 a vítima e um repórter

3. O que aconteceu?
 o pai foi aporpelado

4. Quem foi aporpelado?
 o pai

5. Quem são os personagens do texto?
 os pessoas

Alguns alunos não fizeram; outros copiaram de outros que conseguiram, do seu modo, responder aquelas perguntas e outros foram à minha mesa para tirar

dúvidas. Aquela situação me deixou ainda mais nervosa, pois aprendi no meu curso de formação, que eu, professora, entregaria as atividades e os alunos, após realizá-las, em silêncio e com autonomia, me devolveriam.

Neste momento comecei a tecer idéias de como seria meu planejamento e postura a partir de então. Considerei a turma não alfabetizada; não autônomos; indisciplinados. Achava que precisaria ser severa para que os tornassem “verdadeiros alunos” de uma terceira série.

Minhas idéias/conhecimentos sobre ensino; aprendizagem, alfabetização, escrita, leitura, relação entre professores e alunos não me ajudaram a lidar com a turma real com a qual trabalhava. Percebia que embora minha formação inicial de professora tenha sido respaldada em uma prática “construtivista” possuía concepções bastante “tradicionais”, ou seja, teoricamente ultrapassadas.

Entretanto, apesar desta formação ser baseada em estímulos para uma prática “construtivista” o exemplo de como trabalhar eu nunca havia tido. Os estágios eram oferecidos desde o 1º ano de formação, mas eram reduzidos a mera descrição de local. Sendo assim, existe uma tentativa de se superar uma formação que

(...) Seguindo a seqüência lógica da racionalidade técnica, a prática deve situar-se no final currículo de formação, quando os alunos mestres já dispõem do conhecimento científico e das derivações normativas (...) (PEREZ GOMES, 1995:108)

Mas, ao refletir sobre este estágio, destaco que a nossa avaliação era feita através de fichas de descrição do local e do que foi feito pela professora durante o tempo que estávamos em sala, e essa descrição nunca era discutida coletivamente com a turma, ou seja, não tínhamos acesso ao que os outros colegas estavam vivenciando. Os problemas que aconteciam não eram utilizados pela professora como foco de discussão para suas aulas, estas eram reduzidas a mera discussão das fichas de observação.

Quando tentávamos discutir alguma situação vivenciada, durante o estágio, e pedíamos ajuda para solucionar algum problema, a professora "supervisora" nos mandava procurar a professora de didática ou nos dizia que aquelas situações eram normais e que deveríamos ir nos acostumando.

Nos foi negado um espaço rico de interlocução, envolvendo o que observávamos com o que já tínhamos de conhecimento e a experiência da professora que nos orientava. Não quero negar que a descrição do espaço não fosse importante, só que mais pertinente do que isso, era nos fazer entender a importância de analisarmos o fazer pedagógico daqueles professores observados para depois sabermos refletir sobre o nosso próprio trabalho.

Sendo assim, minha formação não nos possibilitou

(...) uma perspectiva crítico-reflexiva, que nos forneça os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada(...) (PEREZ GOMES, 1995:25)

(...) a prática como um processo de investigação da ação, mediante o qual o professor submerge no mundo complexo da aula para compreender de forma crítica e vital, implicando-se afectiva e cognitivamente nas interações da situação real, questionando as suas próprias crenças e explicações, propondo e experimentando alternativas, participando na reconstrução permanente da realidade escolar. A prática exige um novo modelo de investigação, onde tenha lugar a complexidade do real. (Ibidem:112)

Diante de tudo isso, culpei meus alunos. Não reconheci que... *como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha* (FREIRE, 1996:107).

II.1 APRENDENDO UMA NOVA FORMA DE EXERCER O MAGISTÉRIO

Ao ingressar no curso de pedagogia, pude aprofundar e aperfeiçoar uma boa parte da teoria a qual tive acesso, superficialmente, no meu curso de formação de

professores, à nível de 2º grau. Ao me formar, pensava ser “construtivista”².

Compreendia que:

O conhecimento é o resultado de uma construção contínua, entremeada pela invenção e descoberta, e por isso nem é inato, nem apenas dado pelo objeto, mas antes se forma pela interação entre ambos (...)

(...) o homem se faz pela interação social, pelas relações entre os homens e por sua ação sobre o mundo (ARANHA, 1996:184).

Entretanto, minha prática desvinculou-se desta teoria, confirmando o que Paulo Freire nos fala: *a prática é o critério de verdade* (FREIRE, 1996).

Compreendia os alunos e alunas como sujeitos à margem da sociedade e a única forma de incluí-los seria treiná-los e formá-los para que pudessem ingressar no mercado de trabalho, conquistando assim seus direitos de cidadãos. Ou seja, possuía um pensamento que pode ser melhor entendido, quando buscamos analisar a prática respaldada em uma teoria tecnicista.

(...) Um dos objetivos dos teóricos desta linha é, portanto, adequar a educação as exigências da sociedade industrial e tecnológica(...) (ARANHA, 1996:213)

(...) o ensino tecnicista busca a mudança do comportamento do aluno mediante treinamento, a fim de desenvolver suas habilidades (...) (Ibidem).

Planejava as aulas e nada podia me desviar do previsto no plano de aula. Meus alunos e alunas não conversavam, não se deslocavam na sala de aula. Só era permitido, naquele espaço, fazer os deveres. Justificava minha incapacidade e falta de “domínio de turma”, através da falta de espaço e de tempo insuficientes para apresentar “todo” o conteúdo necessário para “emancipar” meus alunos e alunas. Acreditava que trabalhos em grupos eram prejudiciais, pois não permitiam uma avaliação “segura e objetiva” sobre o ensinado e, conseqüentemente, aprendido.

² Acreditava ser possível uma professora poder ser classificada de “construtivista” ou “tradicional”. Hoje compreendo que a prática docente é muito mais complexa do que pode parecer e, por isso mesmo, foge às armadilhas da classificação.

Analisando minha prática, posso afirmar que minha ação pedagógica era completamente desvinculada do que refere-se Paulo Freire, ao dizer que

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996:52)

Após três meses de trabalho pude, por intermédio da professora Márcia Santos³, ter acesso a um curso denominado Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), possibilitando-me refletir e redirecionar minha prática alfabetizadora.

O PROFA é um programa de formação para professores alfabetizadores, formulado pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Foi criado na administração de Paulo Renato Souza, no governo de Fernando Henrique.

No documento de apresentação do PROFA temos:

Uma proposta a ser realizada em parceria com as secretarias de educação estaduais e municipais, as universidades e as escolas públicas e privadas de formação para o magistério, assim como as organizações não governamentais interessadas. (PROFA, 2000:04)

A pretensão do ministério era o de subsidiar, em termos teóricos e metodológicos, o trabalho da professora alfabetizadora, já que: *para assegurar ao aluno o direito à aprendizagem, é preciso garantir ao professor o direito de aprender a ensinar* (PROFA, 2000:04).

O PROFA tem como objetivo desenvolver competências profissionais necessárias a todo professor que ensina a ler e a escrever, ou seja, *envolve um*

³ Professora ministrante de uma das turmas do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA) e, também, professora regente de turma da escola na qual ainda trabalho.

esforço conjunto de resgate do compromisso da escola com a formação do aluno como cidadão do mundo letrado (Ibidem).

O curso me ofereceu referências de qualidade para o planejamento de propostas pedagógicas que pudessem atender às necessidades de meus alunos e alunas, proporcionando-me a chance de, ao mesmo tempo em que estudava, melhorava^v minha própria prática alfabetizadora. ||

Para a Secretaria de Educação do município de Duque de Caxias, o curso:

Propõe discussões sobre uma didática de alfabetização que tem como referência a psicogênese da língua escrita e como compromisso a formação inicial do aluno como leitor e produtor de textos. Portanto, privilegia conteúdos relacionados não só ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita como a organização do ensino de Língua Portuguesa no início da escolarização. As atividades de cada Unidade têm em vista a articulação teoria-prática e, para tanto, envolvem estratégias como análise de produção de alunos, levantamento das implicações pedagógicas dos textos teóricos estudados, tematização dos conteúdos de vídeo que apresentam seqüências gravadas em sala de aula, planejamento de situações didáticas segundo determinadas orientações e socialização dos registros reflexivos dos professores sobre o desenvolvimento de tais atividades. (PROPOSTA PEDAGÓGICA DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS, 2004:140)

As aulas do curso eram baseadas no diálogo, em trabalhos coletivos e/ou individuais de reflexão e criação. Eram-nos apresentadas teorias importantes dando-nos a oportunidade de refletir sobre o estudado e discutido e, sempre, articulávamos a teoria ao nosso planejamento cotidiano. Aprendemos a buscar na teoria soluções para a nossa prática alfabetizadora. Fomos aprendendo que a prática é sempre subsidiada por uma teoria. Nesse processo fomos reconhecendo que, como professores, não somos detentores de toda sabedoria acerca do fazer pedagógico, pois ser professor *exige consciência de "inacabamento"* como nos fala Paulo Freire (1990).

A partir desse curso vivenciei a circularidade *prática x teoria x prática* (ESTEBAN,1996:7). Pude ir transformando o meu saber fazer em algo mais “elaborado”. Meu planejamento passou a ser baseado em estudos, concepções, teorias, ganhando mais sentido para mim e para meus alunos e alunas.

Infelizmente só descobri essa possibilidade de refletir sobre minha prática e essa consciência do meu próprio inacabamento ao findar o 1º semestre letivo do ano de 2002. Posso afirmar que a turma com a qual trabalhava, nesta época, a 3ª série, precisava de conhecimentos teóricos e práticos que eu não possuía para que as crianças ampliassem, consideravelmente, seus saberes. E, com o findar do ano letivo, precisava tomar a difícil decisão: quem aprovar? Como avaliá-los?

Em uma reunião no início do mês de novembro, nós, professoras de todas as 3ª séries, conversamos coletivamente sobre a forma como avaliariamos nossos alunos e alunas. Decidimos, então, que as disciplinas de Matemática, Ciências e Estudos Sociais seriam avaliadas mediante trabalhos coletivos de pesquisa, produção de cartazes para a Feira de Ciências que aconteceria na escola. Neste movimento de produção precisaríamos ficar atentas à participação de todos, como estavam se desenvolvendo e aprendendo: a capacidade de buscar informações, a capacidade de trabalhar em grupo, a habilidade de pesquisar e produzir um texto baseado no que foi descoberto, o uso da linguagem oral, capacidade de organização de informações etc.

A partir destas atividades as crianças puderam aprimorar habilidades e foi possível, para nós, professoras, prepará-los para a avaliação da linguagem escrita e da leitura, naquele momento, conhecimentos considerados, por nós, como imprescindíveis para que fossem promovidos à série seguinte.

Como atividade avaliativa final, propusemos a escrita espontânea de um texto. A cada dia atendíamos a seis crianças. Antes do recreio eles escreviam seus textos e, após o recreio, liam o próprio texto com a possibilidade de rever seu escritos durante a leitura.

Essa proposta nos deu muito trabalho. Às vezes, ficávamos até às 19h (horário que a escola fechava) com as crianças. Mas, foi uma decisão que nos possibilitou uma aproximação maior dos conhecimentos revelados pelos alunos e, na medida do possível uma avaliação mais "segura".

Na minha turma, eram 35 alunos e, destes, 31 foram aprovados. Dos que não foram aprovados, dois foram por motivo de faltas⁴ e dois por que ficaram muito abaixo do que tínhamos estabelecido como critério mínimo para aprovação à 4ª série do Ensino Fundamental.

⁴ O percentual de faltas desses alunos era superior aos 25% permitidos pela lei 9294/96 e suas avaliações não obtiveram o mínimo estabelecido pelas professoras.

MARCELA MARQUES MAZZA

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: NÓS,
PROFESSORAS E PROFESSORES, SOMOS CAPAZES DE APRENDER
ENQUANTO ENSINAMOS?

RIO DE JANEIRO
2005

MARCELA MARQUES MAZZA

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: NÓS,
PREFESSORAS E PROFESSORES, SOMOS CAPAZES DE APRENDER
ENQUANTO ENSINAMOS?

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carmen Sanches
Sampaio.

RIO DE JANEIRO
2005

Dedico este trabalho monográfico aos meus alunos, os do passado e os do presente, pois com eles aprendi que ser professora é muito mais do que ensinar. Ser professora é garantir que conhecimentos e experiências possam ser (com)partilhados.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por minha vida.

À minha família, por todo apoio desde meu nascimento.

Aos meus amigos, por acreditarem em mim, até mais do que eu mesma.

À minha orientadora, Carmen Sanches Sampaio, pelas críticas e incentivos para || que eu superasse minhas limitações.

A escola

Escola é...

O lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quartos, programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, estuda, que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de "ilha cercada de gente por todos os lados".

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se "amarrar nela"!

Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

Paulo Freire

RESUMO

Será que nós, professores e professoras, estamos preparados para lidar com o que acontece no cotidiano de sala de aula? E como nos preparamos? Essas dúvidas estiveram presentes como eixo principal de discussão deste texto monográfico que discutirá, através de situações práticas acontecidas no meu dia-a-dia como professora iniciante em uma escola municipal, questões que estão envolvidas no processo de alfabetização. Utilizei como interlocutores, para subsidiar minhas reflexões, os referenciais teóricos dos seguintes autores: Emília Ferreiro, Paulo Freire, Regina Leite Garcia, Maria Laura Sabinson, Maria Teresa Esteban, Ana Luiza Bustamante Smolka e outros, além das contribuições adquiridas após a leitura dos Referenciais Curriculares Nacionais. Este texto tem como objetivo principal discutir minhas concepções sobre a ação docente, sobre a leitura e a escrita e o papel da alfabetização na prática da cidadania. Por fim, discuto, brevemente, a importância de uma formação de professores (as) que invista na capacidade reflexiva, pesquisadora dos docentes, promovendo, ainda, a formação de professores que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional.

Palavras-chaves: alfabetização; formação de professores e cidadania.

SUMÁRIO

I- Apresentação.....	07
II - Buscando no passado a tentativa de construir um futuro.....	11
II.I - Aprendendo uma nova forma de exercer o magistério.....	17
II.II - Alunos e professores: aprendizes no processo de alfabetização.....	22
III - Alfabetização: mais do que decodificação, um exercício de cidadania.....	36
IV - Considerações Finais.....	44
Referências bibliográficas.....	47

I - APRESENTAÇÃO

Iniciei meu trabalho como professora no ano de 2002, em uma escola municipal de Duque de Caxias. No processo de escolhas de turmas havia três classes de alfabetização, uma de 3ª e outra de 4ª série. Optei pela regência da 3ª série. Não sei ao certo os critérios que me levaram a esta escolha. Sei entretanto que, não queria trabalhar com turma de alfabetização, pois acreditava, assim como Regina Leite Garcia, que :

A professora no exercício da prática docente é portadora de uma teoria adquirida em seu curso de formação inicial, teoria atualizada a cada dia, em sua relação com as crianças na sala de aula e com suas colegas professoras nas reuniões pedagógicas, nas experiências que vive dentro e fora da escola, nas leituras que faz, nos cursos de que participa, nas reflexões que produz. A cada sucesso ou fracasso, ela se faz perguntas, para as quais busca ou constrói respostas explicativas sobre o sucesso ou fracasso. (GARCIA, 1998:21)

E, como não possuía experiência, senti-me insegura com tamanha responsabilidade, pois sabia que ainda não possuía sensibilidade e conhecimentos exigidos à uma professora alfabetizadora.

No mês de março, assumi a turma de 3ª série e, surpresa: os alunos eram)) considerados alfabetizados pela escola, mas, para mim, apenas decodificavam as letras. Não interpretavam o que liam. Minha revolta era grande. Não entendia como a professora aprovou alunos que não sabiam ler! O questionamento estava presente: que ciclos são estes que não reprovam porque respeitam o desenvolvimento do aluno, mas terminam reproduzindo um ensino que se afasta da qualidade desejada? Pensava, eu, naquele momento.

Fui convidada, então, a realizar um curso onde pude conhecer uma outra maneira de exercer a docência e me aproximar de concepções teóricas que me possibilitaram compreender o processo ensino/aprendizagem de uma forma diferente e que tem me ajudado a alterar a rotina da escola onde trabalho.

Atualmente, vejo professores e professoras mais felizes, comprometidos (as), estudando e pesquisando sobre seu fazer pedagógico realizado no dia-a-dia da sala de aula.

Neste sentido, minha intenção, com o presente trabalho, é articular prática e teoria, tendo como referência minha própria prática alfabetizadora, tomando meu fazer docente objeto desta reflexão, de modo que eu possa, cada vez mais, investir na pesquisa como eixo da ação pedagógica.

Não procuro, com este trabalho, respostas acabadas, mas sim fundamentação teórica e prática abrindo possibilidade para que o processo alfabetizador possa ser prazeroso e comprometido com o aprendizado dos alunos e alunas das classes populares. Acredito no que ^{aponta, afirma} nos fala Regina L. Garcia quando nos fala que: //

(...)na sala de aula há uma teoria em constante movimento. Aquela professora traz um plano de aula, o menino interfere trazendo uma novidade, ela modifica o seu plano e avança para a melhor compreensão do que ali está acontecendo. E uma professora-pesquisadora de sua própria prática e que transforma cada novo acontecimento em situação de pesquisa/aprendizagem para seus alunos. Ao fazê-lo, atualiza a teoria explicativa de que dispõe, buscando/criando novas explicações teóricas para o que acontece no cotidiano de sua sala de aula. (Ibidem;109).

Penso que os princípios e fundamentos que podem nortear a prática alfabetizadora precisam ser discutidos e estudados, coletivamente, pelos professores e professoras. A escola precisa garantir espaços de discussão de modo que os docentes possam refletir sobre o próprio fazer cotidiano no espaço-tempo escolar.

Tive como interlocutores privilegiados, neste trabalho monográfico, os seguintes estudiosos: Ana L. B. Smolka, Emília Ferreira, Maria Tereza Esteban, Paulo Freire e Regina Leite Garcia. Autores que, no decorrer de minha formação, ajudaram-me a entender a importância de me tornar uma professora pesquisadora, modificando,

assim, minhas atitudes e minhas concepções sobre os conhecimentos que os alunos elaboram sobre a língua escrita.

Passei a compreender, também, através da leitura de algumas obras destes autores, que precisamos respeitar nossos alunos e seus conhecimentos, pois o aprendizado é algo que ultrapassa os limites da escola, mesmo sem a permissão da escola e antes de ingressar neste espaço a criança elabora suas hipóteses, que precisam ser ouvidas pela professora, respeitadas e legitimadas para que o aluno possa ampliar seus saberes.

Na primeira parte deste texto, discuto teoricamente como aprendi a compreender o que é ensinar, durante minha formação inicial de professora, a partir de questões e situações que fizeram parte do meu cotidiano como professora de uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental. Como aconteceram meus primeiros meses como professora, minhas dúvidas, meus anseios... e a forma como consegui solucionar algumas das questões presentes nesse início de minha experiência como docente.

Na segunda parte discuto, especificamente, os saberes sobre a língua escrita elaborados por duas crianças de uma terceira série e a forma como entendia aqueles saberes que, para mim, eram "não saberes".

Articulo meus conhecimentos, neste momento, com o que fui construindo e me apropriando através dos cursos aos quais tive acesso e através da minha prática cotidiana em sala de aula.

Na terceira parte, reflito sobre a relação entre alfabetização e a prática da cidadania através de uma situação ocorrida com alunos de uma turma do 2º ano do ciclo, antiga 1ª série do Ensino Fundamental.

*De onde?
Qual o
campo
investigado?*

E, nas considerações finais, procuro discutir a importância de uma formação de professores que busque formar profissionais reflexivos e pesquisadores que comprometam-se, cada vez mais, com um fazer pedagógico a favor dos alunos e alunas das classes populares, os que, historicamente, no nosso país não concluem o Ensino Fundamental.